

Tradução do conto “Unguided Tour”, de Susan Sontag¹

Dinaura Julles



1 Publicado na revista Granta em 1994.

Resumo: Uma das facetas menos conhecidas da caleidoscópica Susan Sontag, que já foi chamada de a “intelectual total”, é a de escritora de contos. Notabilizada no jornalismo literário norte-americano como ensaísta em obras seminais, Susan Sontag permanece inédita no Brasil como escritora de contos. O objetivo deste trabalho é apresentar o extremo oposto da racionalidade aplicada aos seus ensaios. Como em um giro no caleidoscópio, surge sua polêmica e conturbada vida pessoal, espelhada no conto agora intitulado “Turismo sem Guia”, originalmente *Unguided Tour*, encontrado por acaso em uma publicação da Revista Granta, de 1994. A tradução procura proporcionar ao leitor uma experiência estética semelhante àquela do leitor do original. Foi preciso desmontar *Unguided Tour*, conforme sugerido por Derrida na sua proposta de “Desconstrução”, fragmentá-lo para identificar suas especificidades, como o encobrimento do gênero dos personagens, descrições de cenas do passado, menções a profissões antigas, referências bíblicas e a outras obras, e recompô-lo, com toda sua polissemia. Que seja um passeio proveitoso a quem enveredar por esta experiência de “Turismo sem Guia”.

Palavras-chave: Turismo sem Guia; Susan Sontag; Experiência estética; Derrida; Desconstrução.

Abstract: One of the lesser-known facets of the kaleidoscopic Susan Sontag, which has already been called the “total intellectual”, is that of short story writer. Famous in American literary journalism, as an essayist in seminal works, Susan Sontag remains unpublished in Brazil as a short story writer. The purpose of this paper is to present the extreme opposite of the rationality applied to her essays. As in a spin in the kaleidoscope, her controversial and troubled personal life emerges, mirrored in the short story now entitled *Turismo sem Guia*, originally *Unguided Tour*, found by chance in a publication by Granta Magazine in 1994. The translation seeks to provide the reader with an aesthetic experience similar to that of the reader of the original. It was necessary to disassemble “Unguided Tour”, as suggested by Derrida in his proposal for “Deconstruction”, to fragment it to identify its specificities, such as the concealment of the gender of characters, descriptions of scenes from the past, mentions of ancient professions, biblical references and other works, and reassemble it, with all its polysemy. May this tour be pleasant for those who embark on this experience of *Turismo sem Guia*.

Keywords: Unguided Tour; Susan Sontag; Aesthetic experience; Derrida, Deconstruction.

“Para escrever, você deve se autorizar a ser a pessoa que você não quer ser (de todas as pessoas que você é)”. Susan Sontag

Uma das facetas menos conhecidas da caleidoscópica Susan Sontag, que já foi chamada de a “intelectual total”, é a de escritora de contos.

Notabilizada no jornalismo literário norte-americano, como ensaísta em obras seminais como “Contra a Interpretação”, “A Vontade Radical”, “Sob o

Signo de Saturno”, “Questão de Ênfase”, “Doença Como Metáfora”, “AIDS e suas Metáforas”, “Diante da Dor dos Outros”, “Ao Mesmo Tempo”, e “Ensaio sobre Fotografia”; reconhecida como autora dos livros de ficção *Assim Vivemos Agora*, *O Amante do Vulcão*, e *Na América*, todas com traduções em Português, Susan Sontag permanece inédita no Brasil como escritora de contos.

Descobri “Unguided Tour”, escrito em 1979, em uma revista Granta antiga, dedicada a uma coletânea de contos sob o título “New American Writing”.

A multifacetada produção intelectual de Susan Sontag é formada por ensaios bem estruturados, com arrazoado impecável, reflexo da brilhante e precoce carreira acadêmica. Formada na Universidade de Chicago já aos dezoito anos, ela consolidou sua atuação como *scholar* em Harvard, Oxford e na Universidade de Paris.

No extremo oposto do exercício constante de racionalidade, como em um giro no caleidoscópio, surge sua polêmica e conturbada vida pessoal, espelhada no conto agora intitulado “Turismo sem Guia”.

Ciente de sua atração por mulheres no início da adolescência, aos 15 anos ela escreveu no seu diário “agora percebo que tenho tendências lésbicas (escrevo isto com grande relutância)”. Aos 16, teve seu primeiro encontro sexual com uma mulher, também registrado no diário.

Mas aos 17 anos casou-se com Philip Rieff em Chicago, depois de um namoro de dez dias. O casamento durou oito anos. O filósofo Herbert Marcuse viveu com o casal durante um ano, enquanto escrevia *Eros e a Civilização*, ampliando o interesse de Susan pelo estudo da filosofia. Como legado do casamento, ela teve um filho, que seria seu editor e também se tornou escritor. O divórcio aconteceu em 1958.

A homossexualidade foi assumida publicamente nos anos de 1970, quando Susan esteve envolvida com Nicole Stéphane, herdeira da família de banqueiros Rothschild, que se tornou atriz. Mais tarde, manteve um longo relacionamento com a fotógrafa Annie Leibovitz e também teve casos com a coreógrafa Lucinda Childs, a escritora Maria Irene Fornes, e outras mulheres. Especula-se que elas teriam contribuído para a vasta produção intelectual de Susan Sontag e talvez para os aspectos mais polêmicos de sua obra.

As possíveis decepções amorosas e suas viagens como ativista e defensora dos direitos humanos, que a levaram, por exemplo, até Saigon nos anos 1960 e à Bósnia, nos anos 1990, locais marcados pela destruição, podem ter servido de inspiração para o conto *Turismo sem Guia*.

Ambientado em uma cidade não identificada da Europa, com traços de relevância histórica e decadência, o conto é, na verdade, a narração de uma viagem de um casal fazendo turismo – sem guia. E sem guia ficará também o leitor ao caminhar pela brilhante narrativa.

Os personagens também não estão claramente identificados. A narradora comenta com um interlocutor – ou interlocutora? – aspectos dos locais que vão se espelhando no relacionamento problemático que se descortina à medida que a narrativa avança. Em certos pontos, a narradora (Susan?) fala sobre ele, em outros, com ele. E a descrição de locais turísticos dialoga com os personagens e às vezes ocupa o lugar de um deles, acrescentando detalhes que serão importantes para o desfecho. O conto, na sua fluidez, abre espaço para diferentes possibilidades de leituras e interpretações.

Uma das primeiras reações do leitor poderia ser “onde estão as marcas do discurso direto?” Fragmentado em forma e conteúdo, no conto estão ausentes as marcas de início e fim de discurso direto. Reflexões, digressões, descrições do cenário de fundo parecem compor um tapete cuja trama vai se desfazendo juntamente com a relação dos personagens. Palavras em destaque no início de certas sentenças, como anotações apressadas em um diário, informam sobre temas que virão a seguir, mas que, desconexas em relação às anteriores, vão se compondo como peças de um quebra-cabeças incompleto e que será completado pela leitura única, individual e pessoal de cada leitor.

Em mais um efeito visual da sua obra multifacetada, Susan Sontag transformou “Unguided Tour” em filme, também conhecido como *Letter from Venice*, que ela dirigiu em 1983. À época, o filme foi apresentado como *Directed by Susan Sontag. With Claudio Cassinelli, Lucinda Childs. A couple on the verge of breaking up moves through a hallucinatory Venice.* (Dirigido por Susan Sontag. Com Claudio Cassinelli e Lucinda Childs. Um casal à beira do rompimento caminha por uma Veneza alucinatória). No filme, a ruptura da relação e da linguagem é retratada por longos, longos silêncios e cortes inesperados nas cenas.

Poderia essa desconexão indicar que Susan Sontag não conseguiu concatenar logicamente os variados aspectos de sua experiência pessoal, e que resultaram em uma obra inovadora como “Turismo sem Guia”? Ou poderia ser já uma antevisão da modernidade líquida de Zygmunt Bauman, segundo a qual “a metáfora que traduz a modernidade e suas relações líquidas é a da fluidez.” Ele defende a “tese da sociedade líquida. Líquida no sentido de que as relações, com o passar do tempo, estão ficando cada vez mais superficiais e o contato entre os indivíduos é cada vez menor. Uma de suas mais famosas frases é: “as relações escorrem entre os dedos”.

A certa altura do conto, “o nível da água está subindo” e, em paralelo, e os significados da linguagem vão ficando submersos e escorregadios, com diversas camadas de leitura e interpretação possíveis. Assim como “os fluidos não se atêm muito a qualquer forma e estão constantemente prontos (e propensos) a mudá-la”, segundo Bauman, “Turismo sem Guia” não se atém a nenhum modelo de narrativa tradicional e não apresenta estabilidade de significado, o que dependerá da experiência prévia, do repertório e da percepção do leitor.

No conto, o que era estável e concreto também vai se desfazendo, na arquitetura, na memória, no relacionamento. Teria Susan Sontag percebido que a verdade é fragmentária, assim como afirmou o escritor José Eduardo Agualusa em uma palestra em São Paulo, em 2008? Depois de citar narrativas conflitantes e até contraditórias sobre a guerra civil em Angola, ele concluiu que “a única verdade possível seria a soma de todas as verdades” (AGUALUSA, 2008, em palestra), pois cada relato refletia um lado no conflito, uma postura política e ideológica, uma consequência mais ou menos trágica, sendo todos, portanto, verdadeiros.

E a tradução de “Unguided Tour”?

A intenção da tradução de “Unguided Tour” é proporcionar ao leitor uma experiência estética semelhante à do leitor do conto original, que mantenha as marcas autorais, por um lado, e também a fluidez de significados que flutuam em todo o conto, por outro.

Inspirador para essa tarefa foi o filósofo Derrida, que no final dos anos de 1960 propunha a necessidade de “desconfiar dos procedimentos bem comportados do discurso, pois este disponibilizava significados novos e, normalmente, insuspeitados.” (GOULART, 2003, p. 2)

Foi preciso desmontar “Unguided Tour”, conforme sugerido por Derrida na sua proposta de “Desconstrução”, fragmentá-lo para identificar suas especificidades, descrições de cenas do passado, menções a profissões antigas, referências bíblicas e a outras obras, e recompô-lo, com toda sua polissemia, em “Turismo sem Guia”.

Quando se traduz uma autora que já rompe com os procedimentos bem comportados do discurso, cabe ao tradutor comportar-se de forma a espelhar a ruptura com os padrões formais, deixando abertas as comportas para o fluxo dos significados possíveis.

Locais, pontos turísticos e históricos e seus sinais de degradação, carregados de sentidos dúbios sobre rupturas maiores, também foram se “desfazendo”

na tradução, de modo a soar como “... ruínas de história, que se dispersam aos nossos pés” (Walter Benjamin, na interpretação de Angelus Novus, de Paul Klee (Magnoli, 2019). Concomitantes ao registro alto de descrições de pontos turísticos, a opção foi por marcas de oralidade, em diálogos, como “Me dê essa mala” e “Eu te disse”.

Termos estrangeiros como *villa*, *connoisseur*, *chiaroscuro*, *souvenir*, *siesta*, *wanderlust*, com sua carga de imprevisibilidade no original em inglês, foram mantidos; não foram feitas explicitações a referências menos conhecidas do público brasileiro, como kombolóis e Baedeker, para deixar em aberto o simbolismo desses objetos.

Atenção especial mereceram frases emblemáticas, praticamente aforismos criados por Susan Sontag, traduzidos com a maior proximidade terminológica e estilística alcançáveis neste arriscado mergulho. Talvez o conto como um todo possa ser esquecido pelo leitor, mas não frases como “*It’s not love that the past needs in order to survive, it’s an absence of choices*”, ou seja, “Não é de amor que o passado precisa para sobreviver, é da falta de opções”. Vale notar a referência bíblica “*With an imagination like a pillar of fire. And a heart like a pillar of salt*”, que resultou em “Com a imaginação como um pilar de fogo. E o coração como um pilar de sal.” (Pilar de fogo é uma citação do Livro de Josué, o sexto livro do Antigo Testamento, assim como a mulher de Ló, a figura do Gênesis que se transformou em um pilar de sal.)

“Pomp and circumstance”, além da conhecida locução adverbial, que significa “de modo requintado e de acordo com a etiqueta”, é também o título da obra de Noël Coward publicada em 1960, sobre a visita da família real à ilha imaginária de Samolo, narrada por uma mulher, e a atribulação causada pelo insólito acontecimento. O tema da ruptura, da fragmentação, reaparece nesta citação, depois de várias citações a locais históricos em ruína e decadência. Em uma escritora como Susan Sontag, acredito que nem uma vírgula seja acidental.

“*The nub, the hub, the fulcrum*”, sofisticada referência da autora ao órgão sexual masculino, com o capricho das vogais repetidas, representou um desafio para a tradução. Manter o significado subjacente de eixo, sustentáculo, e o eco dos termos foi um dos desafios entre tantos apresentados pelo conto. “A vara, a verga, o vergalhão” ainda estão sujeitas a novas leituras e novas possibilidades que poderão emergir em novas leituras.

“Expostos à realidade prática de traduzir o intraduzível”, os tradutores, sabedores de que a tradução é “impossível, mas necessária”, como observou Walter Benjamin, oferecem o seu possível, entre tantas possibilidades.

Agradeço ao Programa Formativo da Casa Guilherme de Almeida, sob a direção e coordenação dos professores Marcelo Tápia e Simone Homem de Mello, cuja valiosa orientação possibilitou esta tradução, apresentada como trabalho final, e à criteriosa revisão das professoras Alzira Allegro e Valdevez Carneiro da Silva.

Desejo um passeio proveitoso a quem enveredar por esta experiência de “Turismo sem Guia”.

Turismo sem guia

Tradução Dinaura Julles

Fiz uma viagem para ver coisas bonitas. Mudar de cenário. Mudar de perspectiva. E quer saber?

O quê?

Elas ainda estão aqui.

Ah, mas não por muito tempo.

Eu sei. É por isso que eu fui. Para dizer adeus. Toda vez que viajo, é sempre para dizer adeus.

Telhados vermelhos, varandas de madeira, peixes na baía, o relógio de cobre, xales secando nas rochas, o aroma delicado das olivas, pores do sol por trás da ponte, pedra ocre. "Jardins, parques, florestas, bosques, canais, lagos particulares com cabanas, *villas*, portões, bancos de jardim, gazebos, alcovas, grutas, ermidas, arcos do triunfo, capelas, templos, mesquitas, casarões de banquetes, rotundas, observatórios, aviários, estufas, fábricas de gelo, fontes, pontes, barcos, cascatas, banhos." O anfiteatro romano, os sarcófagos etruscos. O monumento aos mortos da Guerra de 1914 a 1918 nas praças de todos os povoados. Não dá para ver a base militar. Fica fora da cidade, e não na estrada principal.

Presságios. Há uma longa rachadura diagonal na parede do mosteiro. O nível da água está subindo. O nariz do santo de mármore deixou de ser aquilino.

Este local. Certa devoção sempre me traz de volta a este local. Penso em todas as pessoas que estiveram aqui. Seus nomes entalhados na parte inferior do afresco.

Vândalos!

Sim. É o jeito deles de permanecerem aqui.

A mais soberba das realizações humanas degradada à condição de coisas naturais. O Juízo Final.

Você não pode trancar tudo em museus.

Não existem coisas bonitas no seu próprio país? Não. Sim. Menos.

Você tinha guias de viagens, mapas, tabelas de horários, sapatos resistentes?

Eu lia os guias de viagens quando chegava em casa. Eu queria ficar com minhas...
Impressões imediatas?

Poderia chamá-las assim.

Mas você viu mesmo os lugares famosos. Você não os negligenciou com perversidade.

Eu os vi, sim. Da forma mais consciente que consegui, mas protegendo minha ignorância. Não quero saber mais do que eu sei, não quero ter mais apego a eles do que já tenho.

Como você sabia aonde ir?

Jogando com minha memória como uma roleta. Você se lembra do que viu?

Não muito.

É triste demais. Não posso amar o passado que está aprisionado na minha memória como um *souvenir*.

Lições Práticas. Urnas gregas. Moedor de pimenta com Torre Eiffel. Caneca de cerveja com Bismarck. Echarpe com a Baía de Nápoles e o Vesúvio. Bandeja de cortiça com o Davi de Michelangelo.

Nada de *souvenirs*, agradeço. Vamos ficar com a coisa real.

O passado. Bem, há sempre algo inefável a respeito do passado, você não acha?

Em tudo a sua glória original. A herança indispensável de uma mulher de cultura.

Concordo. Assim como você, não considero a devoção ao passado uma forma de esnobismo. Apenas uma das formas mais desastrosas de amor não correspondido.

Era ironia. Sou amante volúvel. Não é de amor que o passado precisa para sobreviver, é da falta de opções.

E de batalhões de abastados, imobilizados pela vaidade, ganância, medo do escândalo, e a ineficiência e o desconforto da viagem. Mulheres carregando sombrinhas e carteiras de pérolas, com passos delicados, saias longas, olhares tímidos. Homens de bigode, com cartolas, cabelo lustroso repartido do lado esquerdo, elásticos segurando as meias acetinadas. Seguidos por lacaios, sapateiros, mendigos, ferreiros, artistas de rua, aprendizes de gráficos, limpadores de chaminés, rendeiras, parteiras, carroceiros, leiteiras, pedreiros, cocheiros, carcereiros e sacristãos. Nem faz tanto tempo. Todos se foram. As pessoas. E sua pompa e circunstância.

É isso o que você acha que eu fui ver?

Não as pessoas. Mas seus lugares, suas coisas bonitas. Você disse que elas ainda estavam lá. A cabana, o monastério, a gruta, o parque, o castelo. Um aviário em estilo chinês. Propriedade do senhorio. Uma agradável reclusão no meio de seus bosques impenetráveis.

Eu não estava feliz. O que você sentia?

Pesar por as árvores estarem sendo derrubadas.

Então você tem uma visão obscura das coisas naturais. Excesso de indulgência para com os prazeres agitados e metálicos das cidades.

Diferente das minhas paixões, fugi dos lagos, fugi dos bosques, fugi dos campos pulsando com vaga-lumes, fugi das montanhas aromáticas.

Mesmice provinciana. Às vezes, é de menos solidão que você precisa.

Eu costumava dizer: As paisagens só me interessam em relação aos seres humanos. Ah, amar alguém daria vida a tudo isto... Mas as emoções que os seres humanos nos inspiram também se assemelham tristemente. Quanto mais os lugares, os costumes, as circunstâncias das aventuras se modificam, mais vemos que nós, dentre eles, continuamos inalterados. Sei todas as reações que irei ter. Sei todas as palavras que irei proferir novamente.

Você deveria ter me levado em vez de ...

Você se refere a ele. Sim, claro, e eu não estava sozinha. Mas discutíamos a maior parte do tempo. Ele, se arrastando. Eu, detestável.

Dizem. Dizem que viajar é uma boa oportunidade para consertar um amor avariado.

Ou talvez seja a pior. Sentimentos como estilhaços ainda não removidos da ferida. Opiniões. E competição de opiniões. Exercícios lascivos desesperados no hotel, na volta das tardes douradas de verão. Serviço de quarto.

Como você deixou que ficasse assim tão desolador? Você tinha tanta esperança.

Bobagem! As prisões e os hospitais estão abarrotados de esperança. Mas não os voos fretados e nem os hotéis de luxo.

Mas você ficou emocionada. Às vezes.

Talvez fosse exaustão. Claro que fiquei. A parte de dentro dos meus sentimentos está úmida de lágrimas.

E a de fora?

Muito seca. Pois bem – tão seca quanto necessário. Você não pode imaginar como é cansativo. Aquele órgão com a dupla membrana da nostalgia, bombeando as lágrimas para dentro. Bombeando-as para fora.

Qualidades da profundidade e da persistência.

E discernimento. Quando se consegue evocá-los.

Estou exaurida. Nem todas são bonitas, as coisas bonitas. Eu nunca tinha visto tantos Cupidos parrudos e tantas Graças desajeitadas.

Aqui é um café. *No café.* O padre da cidadezinha jogando fliperama.

Marinheiros, aos dezenove anos de idade, com pompons vermelhos, observando. Cavalheiros idosos com kombolóis âmbar. A neta do proprietário fazendo a lição de casa em uma das mesas. Dois caçadores comprando cartões postais com imagens de veados. Ele diz: Você pode beber o vinho ácido local, ficar um pouco menos detestável, descontraír.

Monsieur Rene diz que fecha às cinco.

Cada quadro. “Cada quadro tinha, subjacente, um lema de alguma boa intenção. Vendo que eu observava com cuidado todas essas imagens nobres, ele disse: “aqui tudo é natural.” As figuras estavam vestidas como homens e mulheres vivos, embora fossem muito mais bonitas. Muita luz, muita escuridão, homens e mulheres que são, e, no entanto, não são.”

Vale um desvio? Vale uma viagem! É uma coleção admirável. Ainda possuí sua aura. As coisas importunadas positivamente.

O zelo do barão ao explicar. Sua atitude cortês. Ele ficou o tempo todo durante o bombardeio.

Uma homogeneidade necessária. Ou então algum evento consumado, específico. Quero voltar àquele antiquário.

“O arco ogival do portal é gótico, mas a nave central e as asas de flanqueamento ...”
Você é difícil de agradar.

Você não consegue imaginar uma viagem não para acumular prazeres, mas para torná-los mais raros?

A saciedade não é o meu problema. Nem a devoção.

Nada resta além de esperar pelas nossas refeições, como animais.

Você está pegando um resfriado? Beba isto.

Estou perfeitamente bem. Eu imploro, não compre o catálogo. Nem as reproduções tamanho cartão postal. Nem o suéter de marinheiro.

Não se irrite, mas ... você deu gorjeta para Monsieur Rene?

Diga cinquenta vezes por dia: não sou um *connoisseur*, não sou caminhante romântico, não sou nômade.

Diga você.

“Uma parte permanente dos bens espirituais da humanidade.”

Traduza para mim. Esqueci meu livro de frases.

Ainda assim, você viu o que veio ver.

A antiga vitória da organização sobre a acumulação.

Mas às vezes você ficava contente. Não apenas apesar das coisas.

Descalça no chão de mosaico do batistério. Galgando acima dos contrafortes volantes. Iluminada com o ostensório barroco brilhando indistinto no crepúsculo obscurocente da catedral. Refulgência das coisas. Volumosa. Resplandecente. Êxtase inexprimível.

Você envia postais nos quais escreve “Êxtase”. Lembra-se? Você enviou um para mim.

Eu me lembro. Não me interrompa. Estou flutuando. Estou vagando. Epifania. Lágrimas quentes. Delírio. Não me interrompa. Acariciei meu delírio como as bolas do garçom bem-apegoado.

Você quer me deixar com ciúmes.

Não me interrompa. Eram dele a pele delicada, a risada insolente, o jeito de assoviar, a umidade suculenta da camisa. Fomos a um galpão atrás do restaurante. E eu disse: Entre, cavalheiro, neste corpo. Este corpo é o seu castelo, sua cabana, sua estalagem de caça, sua *villa*, sua carruagem, seu navio de luxo, sua sala de estar, sua cozinha, sua lancha, sua oficina ...

Você costuma fazer esse tipo de coisa quando ele está por perto?

Ele? Ele estava tirando um cochilo no hotel. Uma crise leve de heliofobia.

No hotel. De volta ao hotel, eu o acordei. Ele teve uma ereção. Sentei no colo dele. A vara, a verga, o vergalhão. Linhas de força gravitacionais. Em um mundo de perfeita luz do dia. Na verdade, um mundo de sol a pino, na qual os objetos não produzem sombras.

Só o pouco sábio despreza essas sensações.

Estou girando. Sou um volante enorme, sem nenhuma mão humana para me guiar. Estou girando ...

E os outros prazeres? Aqueles para os quais você veio.

“Em todo o mundo visível, dificilmente haverá uma sensação mais poderosa para o estado de espírito do que uma experiência em uma das catedrais góticas com o sol se pondo.”

Prazeres do olhar. Eu tinha que ser enfática.

“O olhar não consegue ver nada além daquelas figuras cintilantes que pairam no alto a oeste, em fileiras rígidas, solenes, à medida que o sol incandescente da tarde se põe entre elas.”

Mensageiras da infinitude temporal e espiritual.

“A sensação do fogo permeia tudo, e as cores cantam alto, regozijando-se e soluçando.”

Aquele é, na verdade, um mundo diferente.

Encontrei um Baedeker antigo, maravilhoso, com muitas coisas que não estão no Michelin. *Vamos.* Vamos visitar as cavernas. A não ser que estejam fechadas.

Vamos visitar o cemitério da I Guerra Mundial. Vamos assistir a regata.

Este local. Ele cometeu suicídio bem aqui, perto do lago. Com a noiva. Em 1811.

Seduzi um garçom no restaurante perto do porto há dois dias. *Ele disse.* Ele disse que se chamava Arrigo.

Eu te amo. E meu coração está disparado. O meu também.

O importante é que estamos passeando por estas arcadas juntos. Que estamos passeando. Que estamos olhando. Que é bonito.

Lições práticas. Me dê essa mala, está pesada.

É preciso ter cuidado para não pensar se estes prazeres são superiores aos prazeres do ano passado. Nunca são.

Deve ser a sedução do passado outra vez. Mas espere só até que o agora se transforme em outrora. Você verá como nós éramos felizes.

Não espero ser feliz. Reclamações. Já vi isso antes. Tenho certeza de que estará lotado. É muito longe. Você está dirigindo muito depressa; não consigo ver nada. Só duas

sessões do filme, uma às sete, outra às nove. Estão em greve, não consigo telefonar. Maldita *siesta*, não há nada aberto entre uma e quatro. Se tudo saiu dessa mala, eu não entendo por que não consigo socar tudo de volta.

Logo você vai parar de se aborrecer com esses entraves mesquinhos. Você vai perceber que está livre de responsabilidades e de obrigações. E então a inquietação terá início.

Como aquele pessoal protestante de classe média alta que vivencia revelações, tem crises de histeria, sofre colapsos sob o impacto desconcertante da luz mediterrânea e dos assuntos mediterrâneos. Você ainda está pensando no garçom.

Eu disse eu te amo, eu confio em você, eu não me importava.

Você não deveria. Não quero esse tipo de revelação. Não quero satisfazer o meu desejo, eu quero exasperá-lo. Quero resistir à tentação da melancolia, *meu bem*. Se você soubesse quanto.

Então você precisa parar com esse flerte com o passado inventado por poetas e curadores. Podemos esquecer as coisas antigas. Podemos comprar os cartões postais, comer a comida deles, admirar o desprendimento sexual deles. Podemos marchar nas paradas de trabalhadores e cantar a “Internationale”, até porque sabemos a letra.

Sinto-me perfeitamente bem.

Acho que é seguro. Dar caronas, beber água da torneira, tentar conseguir haxixe na *piaçaza*, comer mexilhões, deixar a máquina fotográfica no carro, frequentar os bares da beira-mar, confiar no *concierge* do hotel para fazer reservas, certo?

Alguma coisa. Você não quer fazer alguma coisa? Todo o país tem uma história trágica, exceto o nosso?

Este local. Vê? Há uma placa comemorativa. Entre as janelas.

Arruinada. Arruinada por demasiadas décadas de apreciação intrépida. A Natureza, essa meretriz, colabora. Os penhascos das Dolomitas tornaram-se rosados demais pelo sol, a água da lagoa tornou-se prateada demais pela lua, os céus azuis da Grécia (ou da Sicília) tornaram-se de um azul intenso demais pelo arco em uma parede branca.

Ruínas. Estas são as ruínas deixadas pela última guerra. Afronta ao antiquário: nossa bela residência.

Era um convento, construído de acordo com uma planta desenhada por Michelangelo. Transformado em hotel em 1927. Não espere que os moradores tomem conta das coisas bonitas.

Eu não espero.

Dizem. Dizem que vão aterrar o canal e transformá-lo em uma rodovia, vender a capela rococó da duquesa para um sheik do Kuwait, construir um condomínio naquela ribanceira com um pinheiral, abrir uma butique na vila de pescadores, apresentar um show de luz e som no gueto. Está indo rápido. Comitê Internacional.

Tentando preservar. Com o patrocínio de Sua Excelência e do Digníssimo. Indo rápido. Você vai ter que correr.

Eu vou ter que correr?

Então os deixe ir. A vida não é uma corrida. Ou talvez seja.

Não mais. É uma pena que não se use mais tinta roxa nos cartões.

Que você não possa deixar seus sapatos fora do quarto do hotel à noite.

Lembre-se. daquelas contas enormes, do tipo que eles tinham até a desvalorização. Última vez. Não havia tantos carros da última vez, havia?

Como você conseguiu aguentar isso?

Foi mais fácil do que parece. Com a imaginação como uma coluna de fogo. E o coração como uma coluna de sal.

E você quer romper o vínculo. Certo.

A mulher de Lot! Mas amante dele.

Eu te disse. Eu te disse, você devia ter me levado no lugar dele.

Demorando. Na basílica. No jardim atrás da pousada. No mercado de especiarias. Na cama, no meio da tarde dourada.

Devido. É devido à fumaça das indústrias petroquímicas dos arredores. É devido ao número insuficiente de guardas nos museus.

“Dois grupos de estátuas, um representando a labuta virtuosa; o outro, a licenciosidade desenfreada.”

Você percebeu como os preços subiram? Inflação terrível. Não consigo imaginar como as pessoas se viram aqui. Com aluguéis quase tão altos como lá em casa e salários pela metade.

“À esquerda da estrada principal, fica a entrada para o Túmulo dos Relevos (a chamada Tomba Bella). Nas paredes ao redor dos nichos e nos pilares, os objetos favoritos dos mortos e os artefatos domésticos estão reproduzidos em relevo de argamassa pintada: cachorros, capacetes, espadas, perneiras, escudos, alforjes e embornais, vasilhas, um cântaro, um sofá, pinças, uma serra, facas, recipientes e utensílios de cozinha, espirais ou cordas, etc.”

Tenho certeza. Tenho certeza de que ela era prostituta. Você viu os sapatos dela? Tenho certeza de que haverá um concerto na catedral hoje à noite. *Mais, eles disseram.* Três estrelas. Tenho certeza de que eles disseram três estrelas.

Este local. Foi aqui que filmaram a cena daquele filme.

Bem preservado. É surpreendente. Eu estava esperando pelo pior. Eles alugam mulas.

Claro. Todo assalariado do país recebe cinco semanas de férias pagas. As mulheres envelhecem tão depressa.

Gentil. É o segundo verão da campanha “Seja Gentil” do Ministério do Turismo. Este país em que as maravilhas arruinadas sujam o chão.

Aqui diz. Aqui diz que está fechado para restauração. Aqui diz que não se pode mais nadar.

Poluição.

Eles dizem.

Eu não me importo. Venha, entre. A água está quase tão quente como a do Caribe.

Quero você, sinto você. Venha lambar meu pescoço. Tire seu calção. Eu quero... Deixe-me...

Vamos. Vamos voltar para o hotel.

“O tratamento do espaço na arquitetura e na pintura maneirista apresenta essa mudança de ordem do mundo “fechado” do Renascimento para os movimentos “abertos”, “soltos” e divergentes do universo maneirista.”

O que você está tentando me dizer?

“A harmonia, a inteligibilidade e a coerência da visão do mundo do Renascimento eram inerentes aos pátios simétricos dos palácios italianos.”

Não quero adular minha inteligência com evidências.

Se você não quer olhar para a pintura, olhe para mim.

Está vendo a placa? Você não pode seguir de barco nessa direção. Estamos chegando perto da base de submarinos nucleares.

Notificações. Cinco casos de cólera foram notificados. Esta *piazza* é chamada de palco de heróis.

Esfria muito à noite. Você vai precisar de um suéter.

Graças ao festival de música todo verão. Você deveria ver esse lugar no inverno.

Fica morto.

O julgamento é na próxima semana; por isso estão fazendo manifestações.

Você não consegue ver a faixa? E escute aquela música.

Não vamos. Tenho certeza de que é uma boate engana-turista.

Disseram. Tubarões, acho que disseram.

O hidrofólio não. Eu sei que é mais rápido, mas me dá enjoo.

“Com o sol a pino e o calor forte demais para nós em outro lugar, fomos para o pátio sombreado por árvores.” Não que eu o amasse. Mas em certa hora de fadiga física...

À mercê dos seus humores. Contente às vezes. Até feliz.

Não parece. Parece mais uma luta para gostar.

Talvez. Falta de discernimento na necrópole.

Relatos. Há uma guerra civil propagando-se no norte. O líder da Frente de Liberação ainda está no exílio. Há boatos de que o ditador teve um ataque. Mas tudo parece tão –

Calmo?

Acho que sim... calmo.

Este local. Neste local massacraram trezentos estudantes. Acho melhor eu ir com você. Você vai ter que pechinchar.

Estou começando a gostar da comida. Você se acostuma depois um tempo. Não é mesmo?

Nas pinturas mais antigas há uma completa ausência de *chiaroscuro*. Sinto-me bem aqui. Não há muito para ver.

“Abaixo da moldura, arvorezinhas frondosas, das quais pendem guirlandas, fitas e vários objetos, alternados com figuras de homens dançando. Um está deitado no chão, tocando flauta dupla.”

Câmeras. As mulheres não gostam de ser fotografadas. Talvez precisemos de um guia.

É um livro sobre tesouros que eles desenterraram. Quadros, peças de bronze e candelabros. Nesta prisão eles torturam os prisioneiros políticos suspeitos. *Terror incognita.*

Coberta de moscas. Aquela pobre criança. Você viu?

Presságios. A falta de energia ontem. Um *graffiti* novo no monumento hoje de manhã. Tanques esmagando a alameda ao meio dia. *Dizem.* Dizem que o radar do aeroporto está sem funcionar há setenta e duas horas.

Dizem que o ditador se recuperou do ataque cardíaco.

Não, água mineral. Gente mais destemida. Vegetação bem diferente.

E o jeito como eles tratam as mulheres aqui! Burros de carga. Carregando aqueles sacos, subindo as colunas azul-celeste em que –

Estão construindo uma estação de esqui.

Estão desativando o leprosário.

Olhe para o rosto dele. Ele está tentando falar com você.

Claro que poderíamos morar aqui, privilegiados que somos. Não é o nosso país. Eu nem me importo em ser roubado.

“O sol foi a pino e abrasou-se em algum lugar de forma extremada demais para nós; então nos retiramos para a sombra de um oásis.”

Às vezes eu o amava de verdade. Ainda assim, em certa hora de fadiga mental... À mercê dos seus humores.

Minhas carícias destemidas. Meus silêncios grosseiros. Você estava tentando consertar um erro.

Eu estava tentando mudar minha situação deplorável. Eu te disse, você deveria ter me levado no lugar dele.

Não teria sido muito diferente. De lá, continuei sozinha. Eu teria deixado você também...

Manhãs de partida. Com tudo preparado. O sol nascendo nas baías mais majestosas (Nápoles, Rio, ou Hong Kong).

Mas você poderia ter decidido ficar. Fazer novos planos. Isso traria a sensação de liberdade? Ou você sentiria que desprezou algo insubstituível?

O mundo todo.

Isso porque é muito tarde, e não muito cedo. “No princípio, o mundo todo era a América.”

Estamos muito longe do princípio? Quando começamos a sentir que estaríamos?

Esta chaga inestancável, o grande anseio por outro lugar. Por transformar este lugar em outro.

Em uma mesquita em Damietta há uma coluna; se você lambê-la até sua língua sangrar, sua inquietação será curada. Ela terá que sangrar.

Palavra curiosa, *wanderlust*; estou pronta para ir.

Eu já fui. Arrependida, exultante. Um lirismo mais altivo. Não é o Paraíso que está perdido.

Conselho. Siga em frente, vamos nos apressar; não me detenha; quem viaja mais rápido é quem viaja sozinho. Vamos pegar a estrada. Levante-se, dorminhoco. Estou caindo fora daqui. Mexa logo esse traseiro. Durma mais rápido, precisamos do travesseiro.

Ela está correndo, ele está rastejando.

Se eu for assim tão rápido, não vou ver nada. Se eu diminuir o ritmo ...*Tudo.* —então não terei visto tudo antes que desapareça.

Todo lugar. Estive em todos os lugares. Eu não estive em todos os lugares, mas eles estão na minha lista.

Fim da terra. Mas há água, ó meu amor. E sal na minha língua.

O fim do mundo. Não é o fim do mundo.

Unguided Tour

Susan Sontag

I took a trip to see the beautiful things. Change of scenery. Change of heart. And do you know?

What?

They are still here.

Ah, but they won't be for long.

I know. That's why I went. To say goodbye. Whenever I travel, it's always to say goodbye.

Tile roofs, timbered balconies, fish in the bay, the copper clock, shawls drying on the rocks, the delicate odor of olives, sunsets behind the bridge, ochre stone. "Gardens, parks, forests, woods, canals, private lakes, with huts, villas, gates, garden seats, gazebos, alcoves, grottoes, hermitages, triumphal arches, chapels, temples, mosques, banqueting houses, rotundas, observatories, aviaries, greenhouses, icehouses, fountains, bridges, boats, cascades, baths." The Roman amphitheater, the Etruscan sarcophagus. The monument to the 1914-18 war dead in every village square. You don't see the military base. It's out of town, and not on the main road.

Omens. The cloister wall has sprung a long diagonal crack. The water level is rising. The marble saint's nose is no longer aquiline.

This spot. Some piety always brings me back to this spot. I think of all the people who were here. Their names scratched into the bottom of the fresco.

Vandals!

Yes. Their way of being here.

The proudest of human-made things dragged down to the condition of natural things. Last Judgment.

You can't lock up all the things in museums.

Aren't there any beautiful things in your own country?

No. Yes. Fewer.

Did you have guidebooks, maps, timetables, stout shoes?

I read the guidebooks when I got home. I wanted to stay with my – Immediate impressions?

You could call them that.

But you did see the famous places. You didn't perversely neglect them.

I did see them. As conscientiously as I could while protecting my ignorance. I don't want to know more than I know, don't want to get more attached to them than I already am.

How did you know where to go?

By playing my memory like a roulette wheel. Do you remember what you saw?

Not much.

It's too sad. I can't love the past that's trapped within my memory like a souvenir.

Object lessons. Grecian urns. A pepper-mill Eiffel Tower. Bismarck beer mug. Bay-of-Naples-with-Vesuvius scarf. David-by-Michelangelo cork tray.

No souvenirs, thanks. Let's stay with the real thing.

The past. Well, there's always something ineffable about the past, don't you think?

In all its original glory. The indispensable heritage of a woman of culture.

I agree. Like you, I don't consider devotion to the past a form of snobbery. Just one of the more disastrous forms of unrequited love.

I was being wry. I'm a fickle lover. It's not love that the past needs in order to survive, it's an absence of choices.

And armies of the well-off, immobilized by vanity, greed, fear of scandal, and the inefficiency and discomfort of travel. Women carrying parasols and pearl hand-bags, with mincing steps, long skirts, shy eyes. Mustached men in top hats, lustrous hair parted on the left side, garter holding up their silk socks. Seconded by footmen, cobblers, ragpickers, blacksmiths, buskers, printer's devils, chimney sweeps, lacemakers, midwives, carters, milkmaids, stonemasons, coachmen, turnkeys, and sacristans. As recently as that. All gone. The people. And their pomp and circumstance.

Is that what you think I went to see?

Not the people. But their places, their beautiful things. You said they were still there. The hut, the hermitage, the grotto, the park, the castle. An aviary in the Chinese style. His Lordship's estate. A delightful seclusion in the midst of his impenetrable woods.

I wasn't happy there.

What did you feel?

Regret that the trees were being cut down.

So you have a hazy vision of natural things. From too much indulgence in the nervous, metallic pleasures of cities.

Unequal to my passim, I fled the lakes, I fled the woods, I fled fields pulsing with glowworms, I fled the aromatic mountains.

Provincial blahs. Something less solitary is what you need.

I used to say: Landscapes interest me only in relation to human beings. Ah, loving someone would give life to all this... But the emotions that human beings inspire in us also sadly resemble each other. The more that places, customs, the circumstances of

adventures are changed, the more we see that we amidst them are unchanging. I know all the reactions I shall have. Know all the words that I am going to utter again.

You should have taken me along instead.

You mean him. Yes, of course I wasn't alone. But we quarreled most of the time. He plodding, I odious.

They say. They say a trip is a good time for repairing a damaged love.

Or else it's the worst. Feelings like shrapnel half worked out of the wound.

Opinions. And competition of opinions. Desperate amatory exercises back at the hotel on golden summer afternoons. Room service.

How did you let it get that dreary? You were so hopeful.

Rubbish! Prisons and hospitals are swollen with hope. But not charter flights and luxury hotels.

But you were moved. Sometimes.

Maybe it was exhaustion. Sure I was. I am. The inside of my feelings is damp with tears.

And the outside?

Very dry. Well – as dry as its necessary. You can't imagine how tiring it is. That double-membraned organ of nostalgia, pumping the tears in. Pumping them out. Qualities of depth and stamina.

And discrimination. When one can summon them.

I'm bushed. They aren't all beautiful, the beautiful things. I've never seen so many squabby Cupids and clumsy Graces.

Here's a café. *In the cafe.* The village priest playing the pinball machine. Nineteen-year-old sailors with red pompoms watching. Old gent with amber worry beads. Proprietor's granddaughter doing her homework at a deal table. Two hunters buying picture postcards of stags. He says: You can drink the acidic local wine, become a little less odious, unwind.

Monsieur Rene says it closes at five.

Each picture. "Each picture had beneath it a motto of some good intention. Seeing that I was looking carefully at these noble images, he said: "here everything is natural." The figures were clothed like living men and women, though they were far more beautiful. Much light, much darkness, men and women who are and yet are not."

Worth a detour? Worth a trip! It's a remarkable collection. Still possessed its aura. The things positively importuned.

The baron's zeal in explaining. His courteous manner. He stayed all through the bombardment.

A necessary homogeneity. Or else some stark, specific event. I want to go back to that antique store.

“The ogival arch of the doorway is Gothic, but the central nave and the flanking wings —”

You’re hard to please.

Can’t you imagine traveling not to accumulate pleasures but not make them rarer?

Satiety is not my problem. Nor is piety.

There’s nothing left but to wait for our meals, like animals.

Are you catching a cold? Drink this.

I’m perfectly all right. I beg you, don’t buy the catalogue. Or the postcard size reproductions. Or the sailor sweater.

Don’t be angry, but – did you tip Monsieur Rene?

Say to yourself fifty times a day: I am not a connoisseur, I am not a romantic wanderer, I am not a pilgrim.

You say it.

“A permanent part of mankind’s spiritual goods.”

Translate that for me. I forgot my phrase book.

Still, you saw what you came to see.

The old victory of arrangement over accumulation.

But sometimes you were happy. Not just in spite of things.

Barefoot on the mosaic floor of the baptistery. Clambering above the flying buttresses. Irradiated by a Baroque monstrosity shimmering indistinctly in the growing dusk of the cathedral. Effulgence of things. Voluminous. Resplendent. Unutterable bliss.

You send postcards on which you write “Bliss”. Remember? You sent one to me.

I remember. Don’t stop me. I’m flying. I’m prowling. Epiphany. Hot tears. Delirium. Don’t stop me. I stroke my delirium like the balls of the comely waiter.

You want to make me jealous.

Don’t stop me. His dainty skin, his saucy laughter, his way of whistling, the succulent dampness of this shirt. We went into a shed behind the restaurant. And I said: Enter, sir, this body. This body is your castle, your cabin, your hunting lodge, your villa, your carriage, your luxury liner, your drawing room, your kitchen, your speedboat, your tool shed ...

Do you often that sort of thing when he’s around?

Him? He was napping at the hotel. A mild attack of heliophobia.

In the hotel. Back at the hotel, I woke him up. He had an erection. I seated myself on his loins. The nub, the hub, the fulcrum. Gravitational lines of force. In a world of perfect daylight. Indeed, a high-noon world, in which objects cast no shadows.

Only the half wise will despise these sensations.

I’m turning. I’m huge steering wheel, unguided by any human hand. I’m turning ...

And the other pleasures? The ones you came for.

"In the entire visible world there is hardly a more powerful mood-impression than that experience within one of the Gothic cathedrals just as the sun is setting."

Pleasures of the eye. I had to be emphasized.

"The eye can see nothing beyond those glimmering figures that hover overhead to the west in stern, solemn rows as the burning evening sun falls across them."

Messengers of temporal and spiritual infinity.

"The sensation of fire permeates all, and the colors sing out, rejoicing and sobbing."

There, in truth, is a different world.

I found a wonderful old Baedeker, with lots of things that aren't in the Michelin. *Let's*. Let's visit the caves. Unless they're closed.

Let's visit the World War I cemetery.

Let's watch the regatta.

This spot. He committed suicide right here, by the lake. With his fiancée. In 1811.

I seduced a waiter in the restaurant by the port two days ago. *He said*. He said his name was Arrigo.

I love you. And my heart is pounding. So is mine.

What's important is that we're strolling in this arcade together. That we're strolling. That we're looking. That it's beautiful.

Object lessons. Give me that suitcase, it's heavy.

One must be careful not to wonder if these pleasures are superior to last year's pleasures. They never are.

That must be the seduction of the past again. But just waits until now becomes then. You'll see how happy we were.

I'm not expecting to be happy. Complaints. I've already seen it. I'm sure it'll be full. It's too far. You're driving too fast, I can't see anything. Only two showings of the movie, at seven and at nine. There's a strike, I can't telephone. This damned siesta, nothing's open between one and four. If everything came out of this suitcase, I don't understand why I can't cram it all back in.

You'll soon stop fretting over these mingy impediments. You'll realize you're carefree, without obligations. And then the unease will start.

Like those upper-middle-class Protestant folk who experience revelations, become hysterical, suffer breakdowns under the disorienting impact of Mediterranean light and Mediterranean matters. You're still thinking about the waiter.

I said I love you, I trust you, I didn't mind.

You shouldn't. I don't want that kind of revelation. I don't want to satisfy my desire, I want to exasperate it. I want to resist the temptation of melancholy, my dear. If you only knew how much.

Then you must stop this flirtation with the past invented by poets and curators. We can forget about their old things. We can buy the postcards, eat their food, admire their sexual nonchalance. We can march in their workers' festivals and sing the "Internationale", for even we know the words.

I am feeling perfectly all right.

I think it's safe to. Pick up hitchhikers, drink unbottled water, try to score some hash in the piazza, eat the mussels, leave the camera in the car, hang out in waterfront bars, trust the hotel concierge to make the reservation, don't you?

Something. Don't you want to do something?

Does every country have a tragic history except ours?

This spot. See? There's a commemorative plaque. Between the windows.

Ruined. Ruined by too many decades to intrepid appreciation. Nature, the whore, cooperates. The crags of the Dolomites made too pink by the sun, the water of a lagoon made too silver by the moon, the blue skies of Greece (or Sicily) made too deep a blue by the arch in a white wall.

Ruins. These are ruins left from the last war. Antiquarian effrontery: our pretty dwelling.

It was a convent, built according to a plan drawn up by Michelangelo. Turned into a hotel in 1927. Don't expect the natives to take care of the beautiful things.

I don't.

They say. They say they're going to fill in the canal and make it a highway, sell the duchess's rococo chapel to a sheik in Kuwait, build a condominium on that bluff with a stand of pine, open a boutique in the fishing village, put a sound-and-light show in the ghetto. It's going fast. International Committee. Attempting to preserve. Under the patronage of His Excellency and the Honorable. Going fast. You'll have to run.

Will I have to run?

Then let them go. Life is not a race. Or else it is.

Any more. Isn't a pity they don't write out the menus in purple ink any more. That you can't put your shoes outside the hotel room at night.

Remember. Those outsize bills, the kind they had until the devaluation. *Last time.* There weren't as many cars last time, were there?

How could you stand it?

It was easier than it sounds. With an imagination like a pillar of fire. And a heart like a pillar of salt.

And you want to break the tie. Right.

Lot's wife!

But his lover.

I told you. I told you, you should have taken me along instead.

Lingering. In the basilica. In the garden behind the inn. In the spice market. In bed, in the middle of the gold afternoon.

Because. It's because of the fumes from the petrochemical factories nearby. It's because they don't have enough guards for the museums.

"Two groups of statuary, one depicting virtuous toil, the other unbridled licentiousness."

Do you realize how much prices have gone up? Appalling inflation. I can't conceive how people here manage. With rents almost as high as back home and salaries half.

"On the left of the main road, the Tomb of the Reliefs (the so-called Tomba Bella) is entered. On the walls round the niches and on the pillars, the favorite objects of the dead and domestic articles are reproduced in painted stucco relief: dogs, helmets, swords, leggings, shields, knapsacks and haversacks, bowls, a jug, a couch, pincers, a saw, knives, kitchen vessels and utensils, coils or rope, etc."

I'm sure. I'm sure she was a prostitute. Did you look at her shoes? I'm sure they're giving a concert in the cathedral tonight. *Plus they said.* Three stars, I'm sure they said it had three stars.

This spot. This is where they shot the scene in that movie. Quite unspoiled. I'm amazed. I was expecting the worst. They rent mules.

Of course. Every wage earner in the country gets five week's paid vacation.

The women age so quickly.

Nice. It's second summer for the Ministry of Tourism's "Be Nice" campaign. This country where ruined marvels litter the ground.

It says. It says it's closed for restoration. It says you can't swim there any more.

Pollution.

They said.

I don't care. Come on in. The water's almost as warm as the Caribbean. I want you, I feel you. Lick my neck. Slip off your trunks. Let me ... *Let's.* Let's go back to the hotel.

"The treatment of space in Manneirist architecture and painting shows this change from the "closed" Renaissance world order to the "open", "loose", and deviating motions in the Manneirist universe."

What are you trying to tell me?

"The harmony, intelligibility, and coherence of the Renaissance world view were inherent in the symmetrical courtyards of Italian palaces."

I don't want to flatter my intelligence with evidence.

If you don't want to look at the painting, look at me.

See the sign? You can't take the boat that way. We're getting near the nuclear-submarine base.

Reports. Five cases of cholera have been reported. This piazza has been called a stage for heroes.

It gets much cooler at night. You have to wear sweater.

Thanks to the music festival every summer. You should see this place in the winter. It's dead.

The trial is next week, so now they're having demonstrations. Can't you see the banner? And listen to that song.

Let's not. I'm sure it's a clip joint.

They said. Sharks, I think they said.

Not the hydrofoil. I know it's faster, but they make me sick.

"The sun having mounted and the heat elsewhere too extreme for us, we have retired to the tree-shaded court-yard." It's not that I loved him. But in a certain hour of physical fatigue...

At the mercy of your moods.

Contented sometimes. Even blissful.

Doesn't sound like it. Sounds like struggling to savor.

Maybe. Loss of judgment in the necropolis.

Reports. There's a civil war raging in the north. The Liberation Front's leader is still in exile. Rumors that the dictator has had a stroke. But everything seems so –

Calm?

I guess... calm.

This spot. On this spot they massacred three hundred students.

I'd better go with you. You'll have to bargain.

I'm starting to like the food. You get used to it after a while. Don't you?

In the oldest paintings there is a complete absence of chiaroscuro.

I feel well here. There's not so much to see.

"Below the molding, small leafy trees, from which hang wreaths, ribbons, and various objects, alternate with figures of men dancing. One is lying on the ground, playing the double flute."

Cameras. The women don't like to be photographed.

We may need a guide.

It's a book on the treasures they unearthed. Pictures, bronzes, and lamps. That's the prison where they torture political suspects. Terror incognita.

Covered with flies. That poor child. Did you see?

Omens. The power failure yesterday. New graffiti on the monument this morning. Tanks grinding along the boulevard at noon. *They say.* They say the radar at the airport has been out for the last seventy-two hours.

They say the dictator has recovered from his heart attack. No, bottled water. Hardier folk. Quite different vegetation.

And they way they treat women here! Beasts of burden. Hauling those sacks up azure hills on which –

They're building a ski station. They're phasing out the leprosarium.

Look at his face. He's trying to talk to you.

Of course we could live here, privileged as we area. It isn't our country. I don't even mind being robbed.

"The sun having mounted and heat elsewhere too extreme for us, we have retired to the shade of an oasis."

Sometimes I did love him. Still, in a certain hour of mental fatigue...

At the mercy of your moods.

My undaunted caresses. My churlish silences.

You were trying to mend an error.

I was trying to change my plight.

I told you, you should have taken me along instead.

It wouldn't have been different. I went on from there alone. I would have left you, too.

Mornings of departure. With everything prepared. Sun rising over the most majestic of bays (Naples, Rio, or Hong Kong).

But you could decide to stay. Make new arrangements. Would that make you feel free? Or would you feel you'd spurned something irreplaceable?

The whole world.

That's because it's later rather than earlier. "In the beginning, all the world was America."

How far from the beginning are we? When did we first start to feel we would?

This staunchless wound, the great longing for another place. To make this place another.

In a mosque in Damietta stands a column that, if you lick it until your tongue bleeds, will cure you of restlessness. It must bleed.

A curious word, wanderlust, I'm ready to go.

I've already gone. Regretfully, exultantly. A prouder lyricism. It's not Paradise that's lost.

Advice. Move along, let's get cracking, don't hold me down, he travels fastest who travels alone. Let's get the show on the road. Get up, slugabed. I'm clearing out of there. Get your ass in gear. Sleep faster, we need the pillow.

She's racing, he's stalling.
If I go this fast, I won't see anything. If I slow down –
Everything. – then I won't have seen everything before it disappears.
Everywhere. I've been everywhere. I haven't been everywhere, but it's on my list.
Land's end. But there's water, O my heart. And salt on my tongue.
The end of the world. This is not the end of the world.

Referências bibliográficas

- AGUALUSA, José Eduardo. Palestra proferida por ocasião do lançamento do livro *O Vendedor de Passados*. São Paulo: Livraria da Vila, 12 jul 2008.
- BENJAMIN, A. W. A tarefa-renúncia do tradutor. In: HEIDERMANN, W. (Org.). *Clássicos da teoria da tradução*. Tradução de Susana Kampff Lages. Florianópolis: UFSC. 2001. v. 1.
- GOULART, Audemaro Taranto. *Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida*. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2003. 28 p. Mimeografado.
- MAGNOLI, Demétrio. Lições dos 30 anos da queda do Muro de Berlim. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 nov. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/11/09/interna_internacional,1099799/queda-do-muro-de-berlim-faz-30-anos-veja-relatos-de-quem-esteve-la.shtml. Acesso em: 06 set. 2020.